

A idéia é radicalizar

CARLOS CHAGAS

Estão trocando idéias, numa espécie de seminário permanente, os principais estrategistas da candidatura Paulo Maluf. Heitor de Aquino, Calim Eid, Armando Pinheiro, Said Farhart e, consultado sempre pelo telefone, ou visitado em seu sítio de Luziânia, Golbery do Couto e Silva. Se não em pânico, eles parecem mais do que apreensivos. Chegaram à conclusão óbvia a que chegou toda a opinião pública: o ex-governador de São Paulo seria derrotado, se as eleições fossem hoje.

A partir desse reconhecimento é que a assessoria política de Paulo Maluf sai em busca de caminhos, e aqui, as coisas se tornam no mínimo perigosas, porque, se os referidos personagens são competentes, à medida em que o tempo passa, tornam-se também dispostos a tudo. Julgaram-se a um passo da conquista ou da reconquista do poder, e não admitem frustrar-se e morrer na praia, a quatro meses da reunião do colégio eleitoral.

Estão traçando planos, e alguma coisa começa a escapar de seus conciliábulos. Concordam em que, para virar o jogo, será preciso atuar junto aos privilegiados eleitores suscetíveis de aderir ou de refluir para a candidatura do ex-governador paulista. Concentrarão esforços num grupo composto tanto de opositoristas quanto de dissidentes do PDS. Uns 50, no máximo, pois se a vantagem de Tancredo Neves sobre Paulo Maluf, hoje, situa-se em perto de cem votos, bastaria virar a metade. Esses votos se contam em dobro: quem sai de lá para cá, tanto diminui um lado quanto engrossa o outro. Estarão meio fora da realidade, nesse caso específico, já que a vantagem do ex-governador de Minas, conforme seus cálculos, estaria hoje em 140 ou até mais.

Além de agir sobre cada um dos possíveis parlamentares permeáveis de mudança de atitude, e a lista já se encontra concluída, o comando malufista elabora outras táticas. Uma delas é a de aumentar o ritmo das críticas ao adversário, buscando apresentá-lo como idoso demais, capaz de precisar dividir o poder por não conseguir exercê-lo em sua plenitude. Dividir com as esquerdas radicais, de um lado, pela impossibilidade de contê-las, bem como dividir com José Sarney, que, ironicamente, e mesmo sem querer, os malufistas apresentam como "o Maluf do lado de lá". Mas vão mais adiante. Imaginam os assessores do deputado sensibilizar setores radicais da extrema direita com alusões ao perigo comunista embutido na candidatura de Tancredo Neves. Mais acirrarão os ânimos, e, nesse particular, encontrarão aliados na comunidade de infortúnios e sucumbências. Tentarão atingir, também, como forma de elevação da temperatura, ou de pressão capaz de se fazer sobre o colégio eleitoral, a grande massa de militares da reserva hoje inscrustrada nas estatais e, mesmo, em empresas privadas. A eles será enviada mensagem permanente, no

sentido de que serão execrados e lançados à rua da amargura, no caso de mudança de situação, passando os opositoristas a ser governo. Tentarão os dirigentes da campanha de Maluf, também, sensibilizar parte do empresariado, menos para que contribua com recursos, já que esses estão sobrando, do que para atuar junto a deputados e senadores com os quais possuem compromissos. Tratar-se-ia, no caso, da defesa de um meio de vida, posto em perigo por conta da influência das esquerdas junto a Tancredo Neves.

A peça de resistência dos estrategistas de Paulo Maluf, porém, delineia-se para mais tarde. Todo esse clima de radicalização e maniqueísmo artificialmente criado desemboca num objetivo maior: o de levar o governo a decretar o estado de emergência ou as emergências constitucionais quando da realização das eleições indiretas. Querem ressuscitar, outra vez, o fantasma do general Newton Cruz (credo). Baseiam-se numa alegação: muitos integrantes do colégio eleitoral gostariam de rotar em Maluf, ou votariam nele mediante acordos e conchavos, mas temem a opinião pública. Receiam ser execrados se, no dia da votação, estações de televisão e de rádio transmitirem ao vivo suas vozes e suas imagens, malufando. Até mesmo aqueles que têm, desde já, a certeza de não se reeleger em 1986, temem pela reação, começando no plenário e nas galerias mas, especialmente, acontecendo nas ruas. Assim, a criação de um clima de exceção em Brasília, com o povo mantido afastado do palácio do Congresso e os meios de comunicação cerceados, daria aos eleitores indiretos capazes de aceitar benesses materiais também uma espécie de alforria material. Mais do que de constrangimentos pessoais, eles escapariam da sanção moral direta da opinião pública.

Para que isso aconteça, no entanto, será preciso convencer o governo e o presidente João Figueiredo, na ocasião certa, da iminência da agitação, da baderna, das pressões de grupos extremados de esquerda e sucumbências. Não será difícil, eles imaginam, pois os esquerdistas radicais têm sido, ao longo do tempo, querendo ou sem querer, seus maiores aliados. Caravanas de quem queira acampar nos jardins do Congresso seriam sopa no mel, e parece possível, até, que por via transversa os malufistas se disponham a financiar algumas, antes da eleição.

Em suma, se tudo leva a crer que Tancredo Neves está eleito, será sempre importante saber com antecedência que o comando político do oponente não cessará de engendrar planos e de urdir táticas. Mesmo as mais reprováveis. Seus integrantes jogam, na sucessão, a própria sobrevivência política e material. E, por coincidência, agem assim enquanto o povo se reúne em praça pública, como ontem se reuniu em Goiânia, para saudar o candidato das oposições como o futuro presidente da República.